



# Bandeira Tribuzi, poeta

Há poucos meses, quando o poeta Bandeira Tribuzi completou 50 anos, houve uma reunião de escritores em São Luís, promovida por outro poeta, Argentino Holanda, para festejar a data.

Convidado, não pude comparecer, como era de meu desejo, preso a esta máquina de escrever, que por vezes não consente que eu dela me afaste para cumprir os mandamentos da afeição.

Não podendo ir à festa, quis dar a Tribuzi uma demonstração de meu carinho por sua obra e do meu apreço por seu nome. Articulei-me com o romancista Moacir C. Lopes, que acabara de publicar, num único volume, na Editora Cátedra, a poesia de Da Costa e Silva, e perguntei-lhe se não gostaria de incluir, na mesma coleção a poesia completa de Bandeira Tribuzi. Disse-me que sim.

Informado de nosso projeto, Herberto Sales, diretor do Instituto Nacional do Livro, deu-nos prontamente o seu apoio.

Desse modo, na data comemorativa de seu cinquentenário, festejado por tanta gente ilustre vinda do Rio e de Brasília, como Odilo Costa, filho, José Sarney, Ferreira Gullar, Jorge Amado, recebeu Bandeira Tribuzi, em São Luís, uma carta em que Moacir C. Lopes lhe comunicava o seu propósito de editar, na unidade de um volume compacto, a sua obra de grande poeta.

A circunstância de ter chegado o momento dessa codificação necessária, abrangendo toda uma vida consagrada à mais pura poesia, diz bem do relevo de Bandeira Tribuzi, não apenas como um grande poeta maranhense de sua geração.

Dois meses depois, pude ir a São Luís e fui visitar o poeta na sua sala de trabalho na redação de O Estado do Maranhão, de que era diretor.

Ao abrir de manso a porta, levado por um amigo comum, dou de frente com o Senador José Sarney, que à falta da tribuna do Senado da Republica, por força do recesso parlamentar, me pareceu falar pelo dedos, no teclado de sua máquina de escrever.

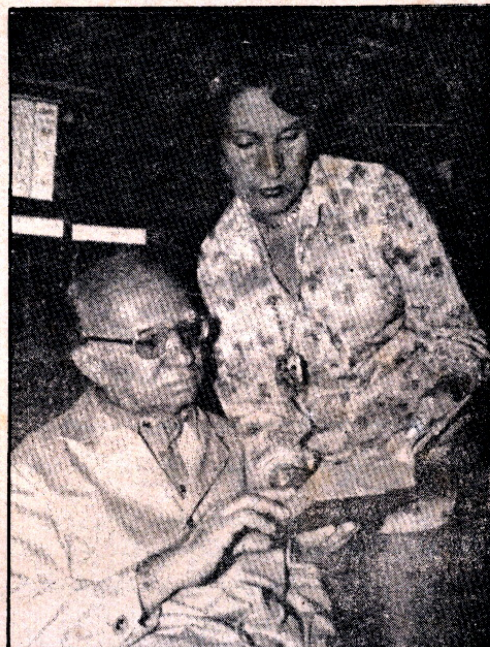
Daí a pouco chegou Bandeira Tribuzi. Seria o nosso último encontro, porquanto, já agora, nos meus regressos a São Luís, não tornarei a vê-lo, comedido de gestos e palavras, quase a esconder-se de si mesmo, como era, como sempre foi. Guardei na lembrança essa hora feliz, sem imaginar que ela permaneceria comigo, como a derradeira presença do poeta, do amigo, do conterrâneo e do companheiro.

Quando ele completou 40 anos, teve a sensação da vida breve e repentina, e disse essa emoção profunda nos tercetos magistrais de uma Canção Quarentã, que assim começa: "E de repente, o tempo fugitiva/sombra se fez como água entre os meus dedos./ Impossível detê-la: pura e esquivava/ ela se faz passada e vãos enredos/ será tentar colhê-la porque foge./ inconsútil e breve, em seus segredos"

Não sei se Tribuzi chegou a escrever a Canção Cinquentã que a nova emoção certamente lhe inspirou. O que posso dizer é que ele, pela experiência da vida, pelo tirocínio do verso e pela densidade da cultura, havia chegado ao momento dessa nova canção na plenitude da força poética, como inspiração e como lucidez.

Victor Hugo que freqüentemente sabia dar forma às reflexões vulgares, era de parecer que a poesia, vinda da alma, tanto pode manifestar-se por uma bela ação quanto por um belo verso.

No caso de Bandeira Tribuzi, o verso e a vida se harmonizavam na mais perfeita e exemplaridade, obedecendo à



JOSUÉ MONTELLO

espontaneidade de seu ser. Nada lhe tolde a pureza essencial. Sempre que o procuro, no pequeno mundo de minhas reminiscências só tenho razões para admirá-lo. E daí a mistura de saudade e consternação com que, neste momento, ficamos a imaginar São Luís sem o seu poeta.

São Luís foi para Tribuzi o ponto de partida e o ponto de chegada. Adolescente, viveu ele em Portugal. Identificado com a melhor poesia portuguesa, tanto antiga quanto contemporânea, voltou ao Maranhão, como nosso conterrâneo Gonçalves Dias, e ali exerceu sensível influência; no sentido de dar a seus companheiros de geração uma identificação maior com o legado de arte de Fernando Pessoa, de José Régio, de Camilo Pessanha, de Mário de Sá Carneiro, de Antonio Boto - sem esquecer os mestres que vinham dos Cancioneiros e culminaram na épica e na lírica de Camões.

Num dos poemas de Pele e Osso (editado no Rio de Janeiro, em 1970), Tribuzi deixa transparecer a sua impregnação do lirismo camoneano no poema Sobre os Rios, que, tendo do poeta português a forma e o ritmo, tem do poeta maranhense o frêmito e a perplexidade das angústias mais profundas: "As memórias de São/ cidade com que sonhei/ na infância e que guardei/ tão-só na recordação,/ com a citara em que dei/ som ao mudo coração,/ onde triste comparei/ o exílio e a promessa/ nos salgueiros pendurei/ da minha imaginação e/ sobre estes rios que vão/ de Babilônia me achei!"

Como outros grandes poetas de nossa terra, Tribuzi deixou também o Maranhão pelo Rio de Janeiro, e aqui fez jornalismo

profissional. Mas em 1950 poderia ele, na dedicatória de um de seus livros, reproduzir as palavras que Gonçalves Dias escrevera, um século antes, na dedicatória dos Últimos Cantos: "Minha alma não está comigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblinas, balouçada em castelos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ela! - lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a suspirar nos leques das palmeiras: lá está ela nos sítios que os meus olhos sempre viram, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós e o pau d'arco coberto de flores amarelas".

Mais feliz que o poeta da Canção do Exílio, o poeta da Canção Quarentã voltou a São Luís, para ali viver definitivamente, espreguiçando-se nas vagas de S. Marcos.

Espreguiçando-se - apresso-me em adiantar - é um modo de dizer. Na verdade, viveu Tribuzi para o duro ofício da luta cotidiana, como economista, como homem de jornal. E assim voltei a vê-lo, há pouco mais de um mês, quando tornei à minha cidade, aos meus conterrâneos e ao cenário de meus romances. O poeta ainda conservava no olhar feliz a emoção da noite em que, a propósito de seus 50 anos, Jorge Amado o saudou, em nome dos outros escritores do Brasil. Emocionado, recordou também as palavras de Odilo Costa, filho, e as de Erasmo Dias.

Mal sabíamos nós que essa festa tinha sido para Bandeira Tribuzi, grande poeta, grande figura humana, o começo da posteridade - a posteridade que desceu sobre ele na semana passada, quando interrompeu de repente as tímidas pancadas de seu coração de poeta lírico.